

O SENHOR FÁLICO E O ESCRAVO FEMININO: O MASCULINO DOMINADO PELA MASCULINIDADE

Júlio César Kunz¹

“Quem soubesse quanto pesa um cetro não se daria o trabalho de erguer se encontrasse um no chão.” (Michel E. de Montaigne)

1. Introdução

Quanto pesa o cetro do Rei Selêuco? Talvez não seja o peso do cetro o que mais incomode e torne a sua vida um pesadelo, mas mantê-lo erguido todo o tempo. O falo do rei está sempre em sua mão, rijo e levantado, pronto para demonstrar autoridade e masculinidade quando requerido e, se não for, há de se ser pró-ativo, pois isso também é ser macho. Nas relações de gênero, a dominação masculina agride diretamente o feminino e ridiculariza o não-masculino, mas quem é dominador e dominado nessa totalidade dialética? O feminismo e o movimento GLBTT toma(ra)m o cetro do rei fálico, ao menos tentam. Mas, ainda que tentem subverter a lógica da dominação, só têm sentido dentro da totalidade de dominação masculina, e foram devidamente classificados como dominados. As conquistas das mulheres na sociedade brasileira, ao invés de apagar as fronteiras de gênero, masculinizam algumas classes sociais e feminilizam outras independentemente de seus corpos. Assim como na relação senhor/escravo em Hegel, o homem também é escravo do masculino.

Como se dá essa inversão de relações? O masculino, sempre livre e dominador, detentor do “instrumento de poder, o cetro”² não parece num primeiro momento nada subordinado. No entanto, a ampliação do nosso olhar, nas palavras de Marx, nos mostra esse “dominado pela própria dominação”³. É na relação dialética masculino/feminino que podemos tentar explicitar a (pretensa) totalidade da masculinidade, um conceito que vai além de corpos – sem que deixe de passar por estes – e se reflete nas relações sociais, sendo mascarado por algumas tímidas invasões de territórios que se restringe a algumas faixas sociais.

¹ Mestre em gestão pela Universidade de Paris Ouest – La Défense e pós graduando em Ética e Filosofia Política pela Universidade de Caxias do Sul. E-mail para contato: juliocesar@kunz.com.br

² LACAN, Jacques. *Freud, Hegel y la máquina*. El seminário: libro 2. Barcelona: Paidós, 1983, p. 114.

³ BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris: Ed. du Soleil, 2002, p. 98.

Neste estudo, com base Bourdieu (2002)⁴ nos propomos a discutir o totalitarismo imposto às relações de gênero que restringem as possibilidades de realização do homem fora da heterossexualidade e da homossexualidade caricata: seja pela masculinização da mulher quando assume papéis tradicionalmente reservados ao homem, seja pela feminilização⁵ do homem que não ostenta os símbolos de masculinidade.

2. Senhorio e Escravidão em Hegel: masculinidade e feminilidade: dominação e reconhecimento

Hegel, em *Fenomenologia do Espírito*⁶, mostra como a certeza de si, ou a construção de identidade, é atravessada pelo desejo: "Essa unidade [da consciência consigo mesma] deve vir-a-ser essencial a ela, o que significa: a consciência-de-si é desejo, em geral"⁷. Mas para esse desejo ser satisfeito, a consciência-de-si passa por uma experiência na presença do outro: "De fato, a essência do desejo é um Outro que a consciência-de-si; e através de tal experiência essa verdade veio-a-ser para a consciência. (...) A **consciência-de-si só alcança sua satisfação em uma outra consciência-de si**"⁸(grifos do autor).

Assim a consciência-de-si só é em função de outra consciência-de-si que "se reconhecem como reconhecendo-se reciprocamente"⁹. E encontra a sua essência no outro. No caso do senhor, ele "se relaciona **mediatamente por meio do escravo com a coisa**"¹⁰ (grifos do autor). O gozo do senhor, portanto, se relaciona com a "pura negação da coisa"¹¹. Poderíamos ir além, e dizer que o senhor coisifica o escravo para poder relacionar-se com ele e constituir-se como senhor. Ao atentarmos para o pensamento de Bordieu¹², notamos que há uma troca simbólica das mulheres por parte dos homens a qual podemos entender por uma mercantilização do feminino (do corpo feminino, sobretudo, mas não só) e, portanto a coisificação do feminino, uma redução a coisa,

⁴ *Idem, ibidem.*

⁵ Leia-se feminilidade do ponto de vista da tradição logofalocêntrica que coloca a fragilidade como uma das principais características do feminino e por isso, privada do espaço reservado ao masculino, qual seja, o público.

⁶ HEGEL, Georg Wilhelm Friederich. *Fenomenologia do Espírito*. 3a ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁷ *Idem ibidem*, p. 136.

⁸ *Idem ibidem*, p. 141.

⁹ *Idem ibidem*, p. 144

¹⁰ *Idem ibidem*, p. 148.

¹¹ *Idem ibidem*, p. 148.

¹² BORDIEU, Pierre. *Op. Cit.* p. 158.

desprovida de valor por si mesma, e apenas valorizada pelo poder simbolizante do masculino que a exhibe como troféu, como dominada ou como derrotada/excluída. As formas são muitas, mas poderíamos entender como o corpo bonito de uma amante sendo exibido como um troféu, a fidelidade da esposa dominada exibida como amostra do poder de subjugação (algo semelhante ocorre com a viuvez, mas pela total perda de valor do corpo feminino) e a mulher separada, o filho gay, o travesti que sofre a violência por se prostituir nas ruas, dentre muitos outros exemplos, que pelo número não podem ser citados aqui, de símbolo da derrota simbólica e da exclusão social.

A essência do escravo é não ter essência, se constitui somente pela presença do outro (a do senhor):

Com efeito, essa [a consciência do escravo] se põe como inessencial em ambos os momentos; uma vez na elaboração da coisa, e outra vez, na dependência para com um determinado ser-aí (*dasein*); dois momentos em que não pode assenhorar-se do ser, nem alcançar a negação absoluta. Portanto, está presente o momento do reconhecimento no qual a outra consciência se suprassume como ser-para-si, e assim faz o mesmo que a primeira faz em relação a ela. Também está presente o outro momento, em que o agir da segunda consciência [do escravo] é o próprio agir da primeira [do senhor], pois **o que o escravo faz é justamente o agir do senhor**, para o qual somente é o ser-para-si, a essência: ele é a pura potência negativa para a qual a coisa é nada, e é também o pura agir essencial nessa relação. O agir do escravo não é um agir puro, mas um agir inessencial.¹³ (grifos nossos)

Não me pareceria fundamental ilustrar o quanto o feminino ainda encontra a sua posição em relação ao masculino numa dialética de senhor-escravo, mas, como se costuma tomar por certa a "emancipação feminina", vejo de forma muito interessante a exemplificação para fins de esclarecimento. Em reportagem no Portal Terra¹⁴, a consultora em mercado erótico, Paula Aguiar, afirma que:

É preciso ressaltar que nós estamos tentando fazer um trabalho de consultoria no mercado erótico que começa fazendo com que o lojista reconheça o perfil da mulher consumidora brasileira, que é totalmente diferente da americana e europeia. Por exemplo, a mulher estrangeira quando vai numa sex shop está pensando no prazer dela. A brasileira não tem essa mentalidade porque a primeira coisa que passa na sua cabeça é "como eu posso usar isso com meu parceiro?" ou "**como eu posso agradar meu homem** e fazer ele gostar mais de mim? (Grifos nossos)

Ora, o agir da mulher brasileira, neste caso, é o agir do homem. Não há necessidade da presença do parceiro para que a mulher se preocupe com o seu prazer e com o seu gozo. É como se o parceiro estivesse comprando os acessórios que gostaria que a mulher usasse. Nesse aspecto, há mais do que uma coisificação da mulher, no agir, há uma anulação do seu ser, é o próprio "agir

¹³ HEGEL, Georg W. F., *op. Cit.*, p. 148.

¹⁴ PUCCI, Cláudio R.S.

inessencial" ao qual se refere Hegel.

Mas o senhor também tem medo de deixar de ser senhor e supera isso através do escravo e o escravo, pelo trabalho, também se relaciona com a coisa por meio do senhor. O que Hegel propõe, portanto, é a interdependência de identidades entre o senhor e o escravo: o senhor não pode ser senhor sem o escravo e o escravo não pode ser escravo sem o senhor. Com isso, vislumbra-se uma possibilidade de superação desta dialética.

Em Sartre¹⁵, vemos algumas conclusões que nos levam a um caminho diferente daquele de Hegel, que não prevê tal superação. De uma primeira tentativa de amar o outro até o ódio, sempre perpassa a tentativa de aniquilá-lo e a dualidade do ser humano (*em-si* e *para-si*) perpassa todas as tentativas de *ser-para-outro* numa circularidade entre objetificar (coisificar) o outro completamente e ser um pleno sujeito e se sujeitar completamente (objetificar-me/ coisificar-me) ao outro para fazer dele um sujeito pleno. Assim, nem "o ódio (...) permite sair do círculo vicioso. Representa simplesmente a última tentativa, a tentativa do desespero. Após o fracasso desta tentativa, só resta ao *para-si* retronar ao círculo e deixar-se oscilar indefinidamente entre uma e outra das duas atitudes fundamentais"¹⁶. Em nota de rodapé Sartre prevê uma "moral da libertação" que só seria possível por uma conversão radical, que, apesar de ficar aberta nesta obra, podemos entendê-la, *grosso modo*, como o agir em função de garantir a liberdade outro.

3. Homem escravo da masculinidade: o gozo e a frustração

"*El saber absoluto [em Hegel] sería la experiencia como tal, y no un momento de la experiencia*"¹⁷, assim como a dominação masculina não é um momento nas relações de gênero, mas está presente em todas as relações¹⁸ sociais, políticas¹⁹ e religiosas. Ainda que não se possa notar isso na sua materialização, ou seja, em relações de gênero que, por terem seus significantes muito próximos àqueles que significam o sexo biologicamente, são tomadas como *em-si* e não apreendidos em busca da compreensão racional da totalidade dialética da dominação masculina. Os homens-masculinos (machos), mergulhados nessa totalidade, não a vislumbram, tomam a sua

¹⁵ SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 451-511

¹⁶ *Idem ibidem*, p. 511.

¹⁷ LACAN, Jacques. Freud, Hegel y la máquina. In: *El seminário: libro 2*. Barcelona: Paidós, 1983, p. 114.

¹⁸ Destaco aqui que todas as relações são perpassadas pela ideologia.

¹⁹ ENTENDO POR RELAÇÕES POLÍTICAS AS RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO E PODER.

parte como o todo e fazem dela *“el discurso concluído, encarnación del saber absoluto, [que] es el instrumento de poder, el cetro y la propiedad de los que saben”*²⁰.

A tomada do cetro se dá de diversas formas e é por rituais de iniciação, presentes em todas as vidas do homem, que se entra na *maison des mecs*^{21,22}, mas, como já dissemos, sem se dar conta dessa entrada. Podemos *“parler d'oppression, de domination des femmes, mais aussi d'aliénation des hommes”*²³, com o que concorda Lacan na leitura que faz do aporte de Freud à teoria de Hegel:

Hay alienación recíproca (...), y una alienación irreducible, sin salida. (...) Esta alienación recíproca, por su parte, durará hasta el fin. Imaginen cuán poca cosa será el discurso elaborado al lado de los que se distraen con jazz en el café de la esquina. Y hasta qué punto los amos desearán reunirse con ellos. Mientras que, inversamente, los otros se considerarán unos miserables, poquísimos, y pensarán: ¡feliz es el amo en su goce de amo!, siendo que, por supuesto, éste se sentirá totalmente frustrado.²⁴

Assim, o homem, senhor absoluto da masculinidade, legítimo dono do cetro que que tem o poder de dar significado ao mundo (inclusive às mulheres) carrega o peso necessário para participar do “clube do bolinha”: não se satisfaz, mas é invejado (“feliz é o amo no seu gozo de amo”). Então, a masculinização da mulher é a resposta para a superação da masculinização?

4. Gênero e dominação: masculinização da mulher e feminilização do homem

Propusemos anteriormente²⁵ o conceito de masculinização absoluta de uma classe, que alarga o conceito de dominação masculina para a dominação de classes. Tal conceito consiste em: (1) aparentemente romper com as relações de dominação masculino/feminino através da completa masculinização de uma classe social, (2) através do alargamento da possibilidade de identificação com o masculino das mulheres de tal classe e (3) feminilização completa das classes dominadas, inclusive os homens pertencentes a esta classe social. De tal sorte que a masculinidade mantém seus privilégios e, sobretudo, mantém o masculino alienado de sua

²⁰ LACAN, Jacques. *op. cit.*, p. 115.

²¹ Expressão usada por Welzer-Lang, pode ser traduzida como casa dos rapazes, ou se quisermos uma versão brasileira: o clube do bolinha.

²² WELZER-LANG, Daniel. *Nous, les mecs: essai sur le trouble actuel des hommes*. Paris: Payot, 2009.

²³ Podemos falar em opressão das mulheres, mas também em alienação dos homens (Tradução Livre). *Idem ibidem*, p. 16.

²⁴ LACAN, Jacques, *op. cit.*, p. 115.

²⁵ KUNZ, Júlio César et STUMPF, Elisa M.. *A República e a mulher: educação e formação na (des)construção do gênero*. V Congresso Internacional de Filosofia da Educação, Caxias do Sul, 2010.

masculinidade, levando algumas mulheres a experimentarem as mesmas amarras.

5. Comentários finais: pluralidade de gênero e liberdade

De nossa pesquisa podemos apontar alguns caminhos que podem ajudar a uma reflexão mais profunda sobre os movimentos de liberdade sexual e de gênero, levando em conta também as possibilidades de felicidade dos homens:

(1) Não é possível pensarmos no rompimento da dominação masculina sem pensarmos, de forma consistente e dialética, as suas relações com dominação econômica. Podemos observar no cotidiano o alargamento do conceito do masculino a fim de dar conta ideologicamente da dominação entre classes sociais. Isso aponta a necessidade de um estudo levando em conta o conceito de masculinização absoluta, da evolução dos sistemas identitários gênero-classe social e o seu reflexo na ideologia de legitimação do status quo da sociedade brasileira após os movimentos feminista, GLBTT e outros.

(2) Como parte de tal ruptura, a explicitação do jugo masculino enfrentado por homens (tradicionalmente) e mulheres (sobretudo após a "conquista do mercado de trabalho" e a demonstração de sua alienação e estreitamento de liberdade identitária, no que se refere à opção sexual notadamente, mas também em outras relações), são passos fundamentais na construção de uma verdadeira pluralidade de gêneros e liberdade autêntica de homens e mulheres.

(3) Não podemos negar a possibilidade de intransponibilidade das relações entre o "eu" e o "outro" proposta por Sartre²⁶. Como desenvolvemos na seção 2 deste artigo, as relações humanas estariam fadadas a relações sado-masoquistas em várias dimensões e medidas, de tal sorte que não haveria a possibilidade de plenitude de igualdade de gêneros, mas um caminho rumo a esta igualdade que criaria, necessariamente, outras relações de dominação e desigualdade. A única possibilidade de salvação seria uma "moral da libertação", baseada em ações que garantam a liberdade outro.

Entendemos, portanto, a necessidade de elaboração de uma fundamentação para esta moral que vá além das relações ontológicas propostas por Hegel e Sartre e que considere aspectos estudados posteriormente, sobretudo, aqueles ligados à filosofia da linguagem. Assim,

²⁶SARTRE, Jean-Paul. *op. cit.* p. 511.

poderíamos pensar numa moral que não desconsiderasse os jogos de linguagem, aspectos históricos-materiais, mas que, não fosse completamente descolada de uma leitura ontológica do mundo: afinal, descrever o mundo também é uma ação ética?

5. Referências

BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris: Ed. du Soleil, 2002.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. 3a ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 135-171.

KUNZ, Júlio César et STUMPF, Elisa Marchioro. *A República e a mulher: educação e formação na (des)construção do gênero*. Anais do V Congresso Internacional de Filosofia e Educação, Caxias do Sul, 2010.

LACAN, Jacques. Freud, Hegel y la máquina. *El seminário: libro 2*. Barcelona: Paidós, 1983, p. 103-122.

PUCCI, Cláudio R. S. *Mulher brasileira ainda não procura o próprio prazer, diz consultora do mercado erótico*. In: Porta Terra. 13 de abril de 2010. Disponível em : < <http://vidaeestilo.terra.com.br/homem/interna/0,,OI4378626-EI12827,00-Mulher+brasileira+ainda+nao+busca+o+proprio+prazer+diz+consultora+do+mercado+erotico.html> > Acesso em: 15/04/2010.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. de Paulo Perdigão. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 451-511.

WELZER-LANG, Daniel. *Nous, les mecs: essai sur le trouble actuel des hommes*. Paris: Payot, 2009.